



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS: NA DISPUTA DE SENTIDOS, A SUPERAÇÃO

Jéssica do Nascimento Rodrigues¹

Patrícia de Oliveira Plácido²

RESUMO: Ouvimos e (re)produzimos informações acerca da problemática socioambiental e reconhecemos sua gravidade. Meio ambiente, sustentabilidade e Educação Ambiental emergem no campo educacional atravessados por sentidos dominantes, todavia em disputa com sentidos vários, sobretudo com os contra-hegemônicos. Nesse embate, explicita-se a importância do educador ambiental crítico no intuito de problematizar tais sentidos e buscar a superação de visões e práticas ideologizantes. As escolas são propensas a esse debate ao abrirem-se à formação de educadores como uma práxis educativa de intervenção pedagógica. Neste estudo, perscrutamos, a partir da aplicação de um questionário semiestruturado, as visões de mundo acerca do meio ambiente e da sustentabilidade e as práticas acerca da Educação Ambiental de 10 educadores de uma escola pública de Itaguaí/RJ, próxima a problemas socioambientais gerados pela industrialização decorrente das atividades do Porto. Tais visões e práticas estão hegemonicamente fragilizadas em consonância com ideias conservadoras, porém há resquícios de boas intenções e brechas para possíveis superações. Conhecer percepções e práticas torna-se imprescindível para se pensarem mudanças significativas necessárias. E, na formação de educadores, vê-se um caminho possível, não uma salvação, para esse fim.

Palavras-chave: Meio ambiente, Sustentabilidade, Educação Ambiental, Disputa de sentidos, Formação de educadores críticos.

ABSTRACT: We hear and (re)produce informations about the socio-environmental problem and acknowledge its severity. Environment, sustainability and environmental education emerge in the educational field crossed by dominant meanings, but at odds with several meanings, especially with the counter-hegemonic. In this struggle, we explain the importance of critical environmental educators in order to discuss those senses and seek ways to overcome ideologizantes views and practices. Schools are prone to that debate by opening up the formation of educators as an educational practice of educational intervention. In this study, we investigate, from the application of a semistructured questionnaire, the world views about the environment and sustainability and practices relating to Environmental Education of 10 educators of public schools of Itaguaí/RJ, next to social and environmental problems generated by industrialization resulting from the activities of the Port. Such views and practices are hegemonic weakened in line with conservative ideas, but there are remnants of good intentions and

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ (23890-000, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil).

jessicarbs@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ (23890-000, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil).

profpaticia.placido@gmail.com

loopholes for possible overruns. Knowing the perceptions and practices becomes essential to think about significant changes needed. And, the formation of educators, we see a possible way, not a salvation, for that purpose.

Key words: Environment, Sustainability, Environmental Education, Sense dispute, Formation of critical educators.

Introdução

Encontramo-nos numa sociedade em crise socioambiental, uma vez que são inextricáveis o social e o ambiental. Trata-se de uma crise que também abarca em seu cerne a crise econômica, ética, moral, política... e uma gama de fatores interconexos advindos de uma história de injustiça, desigualdade e exploração. A natureza do capital e a produção capitalista mundializados, segundo Chesnais (2009), são as raízes dessa problemática e merecem um exame mais minucioso tendo em vista que suas contradições nos querem informar, a todo tempo, a propensa finitude do padrão societário vigente.

Nesse contexto, em nosso dia-a-dia, da mídia à escola, ouvimos e (re)produzimos informações acerca dessa problemática relativamente. Reconhecemos a gravidade da crise climática, por exemplo, entretanto desvinculada de uma crise maior. No cotidiano, banalizam-se a degradação ambiental, a violência, a pobreza e, diante dessa banalização generalizada, o modo de produção capitalista reina soberano crentes de sua eternidade os “seres adaptados às formas germinais da barbárie” (MENEGAT, 2006).

Na busca do estabelecimento do consenso – desse consenso que torna dóceis os sujeitos – lança-se mão de artimanhas que invadem todos os campos da vida social, dentre eles o campo educacional. Os sentidos hegemônicos presentes nos discursos se prestam à tentativa de abafar os sentidos contracorrentes. Destarte, temas como meio ambiente, sustentabilidade e Educação Ambiental emergem nesse embate atravessados por ambiguidades, por ambivalências e, sobretudo, por visões ideológicas de mundo.

Nesse embate, defendemos a importância do educador ambiental crítico no cotidiano escolar no intuito de problematizar tais sentidos e buscar a superação dessas visões ideologizantes, já sabido o intercâmbio destas com as práticas. As comunidades escolares, sobretudo no que tange a escola pública em sua proximidade com os problemas socioambientais, são propensas a esse debate ao abrirem-se à formação de educadores – a qual seja permanente, não-linear e transformadora – como um movimento educativo gerador de intenções fundamentadas e práticas diferenciadas; em suma, como uma práxis educativa de intervenção pedagógica sobre a realidade.

Neste estudo, investigamos, a partir da aplicação de um questionário semiestruturado, as visões de mundo acerca do meio ambiente e da sustentabilidade e as práticas acerca da Educação Ambiental de um grupo de 10 educadores, de áreas diversas, de uma escola pública de Itaguaí/RJ, próxima e vivente de problemas socioambientais gerados pela industrialização acelerada decorrente das atividades do Porto neste município. No sentido de mapear essas visões e essas práticas, se estão hegemonicamente fragilizadas em consonância com uma ideia conservadora de meio ambiente, de sustentabilidade e de Educação Ambiental ou se há resquícios de boas intenções e brechas para possíveis superações, pretende-se, por conseguinte, contribuir com uma discussão socioambiental indissolúvel da ideia de mudanças significativas e necessárias nesta sociedade.

Para essa finalidade, na formação de educadores – que se dê de maneira crítica, transformadora, emancipatória – vê-se um caminho possível, não uma salvação, para superar, portanto, visões e práticas enviesadas e que se colocam congruentes com a manutenção do padrão societário hodierno.

O meio ambiente, a sustentabilidade e a Educação Ambiental

Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termo (MÉSZÁROS, 2008, p. 27).

Os conceitos são históricos. Sua variação é inerente ao tempo e ao espaço (GOHN, 2008). Novos ou (re)significados, os sentidos estão em disputa num determinado contexto em que devem ser considerados, mormente, os sujeitos produtores deles e os demais interlocutores. Meio ambiente, sustentabilidade e Educação Ambiental, dentre tantos outros temas, participam desse fenômeno, ora corroborando com a manutenção e com a naturalização da produção material da vida tal como vem se “arrastando”, ora pensando a sua superação.

Numa época em que a nova socialdemocracia ou a Terceira Via, nem à esquerda nem à direita pelo “rosto humano” de um neoliberalismo falido, procuram nos embriagar com seu novo velho vocabulário – a participação, a democracia, o diálogo, a diversidade – camuflando a luta de classes, camuflando porque convence com o discurso da parceria... todos juntos, todos dialogando... como se não houvesse mais a desigualdade ou a propriedade privada. Lembra Melo (2005, p. 76) sobre “(...) um novo individualismo, o

individualismo como um novo valor moral radical em suas dimensões individual e coletiva, o que não implica necessariamente atomização de ações sociais, mas estímulo de formas despolitizadas de associativismo (...)” e sobre uma nova pobreza que, junto à desigualdade social, “(...) acabariam sendo responsabilidade e culpa não só de países, mas também de indivíduos incapazes de, em um mundo cheio de possibilidades, informar-se e participar” (*ibidem*, 2005, p. 77).

O discurso do novo, que torna novidade o que na verdade mantém, o que na verdade reconfigura pela manutenção, vem arrastando os sujeitos para a conformação social por um projeto conservador de capitalismo. Para Menegat (2006, p. 30):

O ser humano não se reconhece em si mesmo além da esfera cada vez mais restrita da sua reprodução. Ocorre a cristalização de uma forma de existência social que, apesar das suas contradições, incorpora essa dessubstancialização como parte constitutiva, reduzindo assim a capacidade de sua superação. A imobilização dos aspectos criativos da vida social, produzida a partir da própria lógica de valorização do capital, que, vale repetir, realiza-se com uma face crescentemente bárbara, impele todos a uma aceitação passiva desse processo (...)

O metabolismo sócio-ecológico, no entendimento da relação ser humano-natureza por meio do trabalho, consoante Foster (2005), é abalado pela exploração do trabalhador e pela exploração do solo reasseverando o estranhamento/a alienação do ser humano com relação ao que produz, com relação a si mesmo e com relação à natureza. A produção da riqueza torna-se um fim em si mesma porque é produção pela produção e, no lugar da riqueza da produção, (MÈSZÀROS, 2002), o sentido de riqueza entra também em disputa.

A Educação Ambiental se levanta esperançosa como mecanismo alternativo na luta contra tal contexto. Todavia, na briga por um lugar, abrem-se muitos outros – mais fáceis –, e essa prática torna-se, hegemonicamente, conservadora. Naturalizada, idealizada, preservacionista, comportamental, bancária, enfim, a Educação Ambiental mune-se de artifícios e, homogeneizada no discurso, funciona na reparação das arestas educacionais. Assim, da mesma forma, outros termos relacionados à temática socioambiental, como é o caso de meio ambiente e de sustentabilidade, permanecem conservadores em sua maioria.

O meio ambiente, naturalizado, é pensado a-historicamente e as relações entre o ser humano e a natureza – fragmentadas – são condicionadas no âmbito natural e não no social. Com o tecnicismo, a problemática ambiental é pensada sob o prisma das soluções técnicas sem questionamentos mais aprofundados sobre as suas causas. E ainda romantizado, o ser

humano é visto como inimigo do meio ambiente e, na sua individualidade, é culpado pela degradação.

Todavia, levando em conta a complexidade do termo meio ambiente, a que não se aponta uma resposta certa ou uma errada, lembra Loureiro (2006, p. 23):

Reiteramos que não há ecossistemas imutáveis, e a espécie humana, enquanto existir sobre a Terra, atuará neles. O que pode e deve mudar é o padrão societário e, conseqüentemente, a visão de mundo que se tem e o tipo de relações sociais e de produção aí inseridas.

Nessa perspectiva, sustentabilidade também ganha um contorno bem visível dentro das especificidades do sistema capitalista, conforme Trigueiro (2005, p. 43) ao afirmar que “(...) a sustentabilidade é entendida como viabilidade econômica, justiça social e conservação ambiental”, em outras palavras, pensa algum equilíbrio socioambiental sob as fronteiras rígidas do sistema societário vigente.

Nas três últimas décadas, não obstante haja mais práticas em Educação Ambiental nas escolas brasileiras, há mais destruição. Segundo dados do INEP (2004), 95% das escolas brasileiras “fazem” Educação Ambiental (GUIMARÃES, 2006). Todavia, que tipo de Educação Ambiental é essa? Sabe-se que é hegemonicamente comportamental, no sentido de que o cada um fazer a sua parte resolveria o problema socioambiental. Sabe-se também que é preservacionista, no incentivo à preservação/conservação de áreas demarcadas, como se isso também pudesse ser uma solução. Sabe-se que é bancária, na medida em que informa sobre as conseqüências da degradação ambiental, entretanto desconsiderando a dialogicidade inerente à relação educador-educando.

No contraponto, a Educação Ambiental Crítico-Transformadora³, como realização da práxis educativa, como postura dialógica e como criação do movimento coletivo conjunto (GUIMARÃES, 2004), vem a ser um mecanismo fundamental na tentativa de superar o que tem dominado há tempos...

A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de

³ Consoante Rodrigues (2010), houve um esvaziamento do termo “crítico” no sentido de negação e com apelo ético, como se crítico fosse o simples ato de criticar. Quando se aponta, a Educação Ambiental como crítica e transformadora, procura-se delinear um campo em tensão com outros por dentro de um campo maior em disputa. Assim, o termo crítico ganha um claro contorno de confronto com o padrão societário vigente e a tentativa de implementação de uma sociedade alternativa a esta.

implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza (LOUREIRO, 2005, p. 69)

Assim como aditou o autor supracitado, a Educação Ambiental, com a qual se comunga neste estudo, e o entendimento de meio ambiente e de sustentabilidade, em sentido contra-ideológico e, portanto, contra-hegemônico, são mais uma tentativa de instauração de um padrão civilizacional alternativo ao atual, mais justo, mais equilibrado.

O educador ambiental em sua formação crítica

Diante dessa pequena parcela da disputa de sentidos aqui demonstrada, evidencia-se a urgência da atuação de educadores ambientais, em sua formação crítica, que reflitam – e sintam-se “incomodados” – sobre a complexidade da problemática socioambiental. Mas como esse processo se dá? Arrisca-se afirmar que tal processo realiza-se, *a priori*, a partir de um diagnóstico participativo da realidade local, em suas imbricações com a totalidade, e o respectivo planejamento das ações. E é nesse momento inicial que as lideranças são reconhecidas e é valorizada a sua importância durante todo o processo de formação. Diagnóstico feito, ações planejadas e lideranças envolvidas, são imprescindíveis as parcerias até para tornar o campo de ação mais ampliado.

Trata-se da orientação à práxis pedagógica, utilizando-se de registros, de difusão das ações e de articulação com outras iniciativas – não quaisquer iniciativas, isso é importante ressaltar. Assim, quanto mais intencionalidade (comunicativa) nas ações locais, mais interferências haverá nas globais, e isso no sentido contrário também, uma vez que tal relação é dialética. Ademais, os ambientes escolares como o apresentado neste estudo (escolas públicas imersas/envolvidas em problemas socioambientais como é o caso de Itaguaí⁴), necessitam de intervenções pedagógicas eficazes que se desvinculem da “armadilha paradigmática”, como nos alerta Guimarães (2006, p. 24):

Essa prática pedagógica presa à armadilha paradigmática, não se apresenta apta a fazer diferente e tende a reproduzir as concepções tradicionais do processo educativo, baseadas nos paradigmas da sociedade moderna. Desta forma se mostra pouco eficaz para intervir significativamente no processo de transformação da realidade socioambiental para a superação dos problemas e a construção de uma nova sociedade ambientalmente sustentável.

⁴Vale inferir que Itaguaí, município do Estado do Rio de Janeiro e bastante próximo à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus de Seropédica, “ganhou” o Porto de Sepetiba que vem sendo ampliado e, portanto, tem impactado a localidade de forma irreversível.

A educação, em sentido lato, é uma forma de intervenção no mundo. Não havendo neutralidade, tal intervenção ou vai ao encontro das mudanças ou ao encontro da manutenção. Para Freire (1998), os educadores críticos não podem transformar o país ou o mundo, podem sim – e o que é tarefa demasiado relevante – mostrar que essa transformação é possível em oposição ao imobilismo, à complacência.

É, dessa forma, evidente a urgência da atuação de educadores ambientais, em sua formação crítica, que reflitam sobre a complexidade da problemática socioambiental e que objetivem a implementação de outro modelo de sociedade, compreendendo que esta, que vivemos, não mais se sustenta. Em suma, faz-se abaixo um esboço daquilo que se considera fundamental para essa formação não conservadora:

- O exercício de uma Educação Ambiental realmente emancipatória e transformadora;
- A realização de um diagnóstico participativo da realidade e o respectivo planejamento das ações, sendo realizados antes de qualquer ação sobre a temática;
- A formação de lideranças e de parcerias, o que orientará a práxis pedagógica;
- E, através de registros, de difusão das ações e de articulação com outras iniciativas, ressaltar a intencionalidade (comunicativa) nas ações locais/globais.

Em processos de formação nesse caminho e sabendo que, antes deles, a Educação Ambiental já estava nas escolas, porém predominantemente ingênua, fortalece-se o crítico, o contra-ideológico, no campo educacional de disputa por hegemonia. Consoante Guimarães (2004, p. 29-30):

Portanto, situo a ideia de “campo de disputa” no embate pela hegemonia, em que o “campo ambiental”, em sua posição majoritária, situa-se no movimento contra-hegemônico que se antagoniza aos paradigmas dominantes da sociedade moderna. Os paradigmas estão imbricados na e pela visão de mundo hegemônica das elites, que estabelecem, pelas relações de poder, as dinâmicas dominantes da sociedade.

É a Educação Ambiental Crítico-Transformadora, por conseguinte, um instrumento valioso nesse campo de disputa atravessado, muitas vezes, pela Educação Ambiental conservadora. Esta, apropriando-se do discurso hegemônico, pautando-se nos paradigmas da sociedade moderna consumista, trazendo em seu bojo a “armadilha paradigmática” e a racionalidade dominante, apropria-se de termos, tais como meio ambiente e sustentabilidade, para a manutenção do *status quo*:

A visão dominante preconiza um “caminho único”, predeterminado por uma inculcação ideológica, alicerçada por sua racionalidade instrumental, entendida

como em Weber e trabalhada por Leff (2001) para construir a concepção de racionalidade ambiental (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

É preocupante constatar a difusão acadêmico-científica do campo que se desvia ao alcançar as escolas gerando as práticas pedagógicas equivocadas e se inserindo como ação isolada. Pensar o porquê dessa fragilidade nas escolas não é o suficiente. É imprescindível pensar também a formação do educador ambiental, porque, como lembra Guimarães (2004, p. 38), “Essa prática não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, na interação entre diferentes atores, conduzida por um sujeito, os educadores”.

Procedimentos Metodológicos

Como estudo vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS), pertencente à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), investigaram-se as visões de mundo acerca do meio ambiente e da sustentabilidade e as práticas acerca da Educação Ambiental, aplicando-se um questionário semiestruturado a um grupo de 10 educadores, de áreas diversas, de uma escola pública de Itaguaí/RJ que vivencia a problemática socioambiental consequente das atividades do Porto.

Para esse fim, tal questionário foi composto de 3 questões discursivas, no intuito de deixar livres os sujeitos e coletar informações sobre a leitura que fazem da realidade, a saber:

- 1) O que você entende por meio ambiente?
- 2) O que você entende por sustentabilidade?
- 3) Você conhece alguma prática em Educação Ambiental ou já se envolveu com alguma? Descreva-as.

O grupo respondente compôs-se de professores do ensino fundamental, sendo dois de Ciências, dois de Literatura e Produção de Texto, um de História, um de Geografia, um de Educação Física, um de Língua Portuguesa, um de Ensino Religioso e um de Matemática. A heterogeneidade das áreas deu-se pela pressuposição de uma Educação Ambiental que perpassasse (ou devesse perpassar) todas essas áreas.

Os questionários analisados foram aplicados no mesmo dia com o grupo no mês de maio de 2010. Aspira-se, com isso, diagnosticar sentidos e práticas em Educação Ambiental e pensar, *a posteriori*, elementos que auxiliem na elaboração de um processo formativo nesse campo para esse grupo especificamente, como tentativa de geração de um movimento instigador de uma práxis educativa transformadora.

As visões e as práticas

Asseverando o que já trazem algumas pesquisas no campo (GUIMARÃES, 2004), pode-se, neste estudo, também verificar que a Educação Ambiental está, de alguma forma, nas escolas. Entretanto, ainda ao encontro de tais pesquisas, constatou-se o caráter conservador predominantemente presente tanto nas visões quanto nas práticas dos educadores envolvidos neste estudo.

Usaram-se, na revisão de literatura, concepções de Educação Ambiental Conservadora e de Educação Ambiental Crítica, todavia ressalta-se que se trata apenas de um caminho didático para explicar um campo mais complexo, sem maniqueísmos, em que, muitas vezes, a vertente crítica, em sua contra-hegemonia, infiltra-se na vertente conservadora, ou o contrário.

Quanto aos sentidos atribuídos a meio ambiente na primeira pergunta do questionário, vê-se que os educadores não entendem o ser humano como integrante e, sobretudo, não incluem os aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, enfim, outros aspectos que também são intrínsecos ao meio ambiente. Seguem alguns exemplos:

Estudo, recursos, conjunto de unidades ecológicas que funcionam como sistema natural, sem intervenção humana incluindo vegetação, animais e etc. (Educador 7)
É tudo que nos cerca, é a natureza em todas as suas formas; sem intervenção humana. (Educador 10)

De todas as respostas, apenas um educador apontou o ser humano enquanto prolongamento da natureza, sem uma visão tão biologizante quanto a dos outros respondentes, contudo sem evidenciar tantos outros aspectos necessários a uma compreensão mais complexa de meio ambiente:

É o meio onde vivemos seja no âmbito mundial até o âmbito residencial. É tudo o que nos cerca seja ambiente urbano ou rural em que há uma relação dos seres vivos com o meio e entre si. (Educador 1)

Ao serem perguntados sobre o tema da sustentabilidade, todos os educadores conferem o sentido amplamente difundido de usufruto da natureza, sem destruí-la, pensando nas gerações futuras. Entretanto, não se discute uma sustentabilidade para além do modelo de sociedade vigente, cujo caractere principal é a acumulação de capital a partir da exploração dos bens que não são coletivos, embora deveriam ser. Seguem algumas respostas:

É um conceito sistêmico, relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. (Educador 6)
É o desenvolvimento, o progresso com uma mentalidade de usufruir dos recursos que nos são oferecidos de modo a garanti-los também para as gerações futuras. (Educador 1)

Quando se usa o campo semântico da continuidade, do desenvolvimento e do progresso, por exemplo, deixa-se entrever que não se problematiza o modo de produção capitalista, mas o seu crescimento é o eixo central da sustentabilidade em sentido hegemônico.

Quanto à Educação Ambiental, todos os educadores conhecem alguma prática ou já se envolveram, de certa forma, com a temática. No entanto, os sentidos já vistos anteriormente – de caráter conservador –, logo, confirmam práticas fragilizadas, enviesadas, as quais não questionam o padrão societário em que vivemos, mantendo-se no caminho comportamental e tecnicista:

Sim, projetos representativos como reciclagem de folhas de papel... (Educador 6)
Reciclagem – coleta de materiais reaproveitáveis. Dentro do trabalho educacional. (Educador 7)

É sabido que a reciclagem é relevante no campo da Educação Ambiental, porém sabe-se que privilegiar esse *R* em detrimento dos outros dois – reduzir e reutilizar – é mais um mecanismo mercadológico que privilegia uma minoria detentora dos meios de produção e exploradora de mão-de-obra barata (LAYRARGUES, 2005).

Como também confirmam outros trabalhos, a questão da reciclagem é muito presente nas escolas, o que parece aliviar a culpa de cada indivíduo ao jogar o seu lixo no contêiner certo, não se fazendo uma discussão mais aprofundada da problemática ambiental, a qual se intensifica, mais e mais, com o desenvolvimento do capitalismo “super-selvagem” (FERNANDES, 1995).

Alguns educadores (re)conhecem outras formas de Educação Ambiental tais como a resposta abaixo evidencia:

Sim. Orientei um trabalho de reflorestamento com os alunos em uma área degradada no bairro 26 de dezembro no município de Itaguaí. Fomos responsáveis pela horta escolar, montei a Patrulha Ambiental Mirim que fazia trabalho junto a comunidade de sensibilização, estou montando a Agenda 21 da UE. (Educador 3)

Vale ressaltar que o reflorestamento, a criação de hortas e a sensibilização, por exemplo, se não politizadas, se não questionadoras da realidade em que nos inserimos, se esvaziadas de sentidos críticos, reduz uma intencionalidade crítica da Educação Ambiental ao se arraigar na manutenção da ordem social atual.

Considerações Finais

Tendo em vista a urgência do debate socioambiental diante da crise da atualidade, a Educação Ambiental e temas como meio ambiente e sustentabilidade surgem na arena educacional em disputa com outros sentidos, especialmente com os contra-hegemônicos. Dessa forma, coube destacar a importância da Educação Ambiental Crítico-Transformadora como uma oportunidade de problematizar esses temas. Assim, se a Educação Ambiental é uma forma de intervenção no mundo, por exemplo por meio de ações politizadas e de tomadas de decisão, as representações e as práticas dos professores se tornam elementos essenciais na superação de formas dominantes e redundantes do fazer político-pedagógico.

Na análise dos dados deste estudo, ao diagnosticar os conhecimentos prévios acerca do meio ambiente e da sustentabilidade e as práticas acerca da Educação Ambiental de um grupo de educadores, apontou-se o caráter conservador explícito tanto nessas visões quanto nessas práticas dos educadores envolvidos. Tal constatação é preocupante frente à disseminação acadêmica veemente (e, diga-se de passagem, crítica) com relação a essa problemática; assim, um dos pontos ao qual se deve dar singular atenção é justamente o abismo que se abre entre a universidade e o chão da escola. Cai-se na discussão da formação inicial e da continuada de professores, e que estas devem ocorrer juntas e ininterruptamente congruentes com a pesquisa e com a extensão universitárias.

Ademais, se as concepções e as práticas constatadas a partir das falas dos educadores envolvidos nesta pesquisa apresentam brechas e boas intenções com relação ao enfrentamento dos problemas socioambientais, não é de todo perdido o esforço em se inserir o campo da Educação Ambiental nas escolas. Cabe acrescer, portanto, a necessidade de se repensar novos (outros) caminhos para a formação dos educadores, mas que seja uma formação verdadeiramente crítica e com viés transformador.

Neste estudo, restrito a poucas páginas, não se objetivou dar uma resposta pronta e acabada para a tão sensível problemática da formação de educadores, e em específico educadores ambientais. Todavia, pretendeu-se evidenciar, a partir de um exemplo concreto e de literatura coerente com o que se comunga aqui, elencar algumas fragilidades de concepções e práticas dos educadores e mostrar a urgência em se debruçar sobre a questão da formação.

Em suma, acredita-se que os educadores – longe de um vertente salvacionista de educação –, se formados numa vertente crítica realmente questionadora da realidade posta,

podem abrir novos caminhos, construir novos paradigmas, como um movimento educativo gerador de intenções fundamentadas e práticas diferenciadas. Na disputa de sentidos, os educadores podem colaborar com a superação de um sistema que se quer fazer entender eterno.

REFERÊNCIAS:

- CHESNAIS, F. *As origens da crise econômica e da crise ecológica. O olho na história*. Salvador, n. 13, dez. 2009. Disponível em: <http://oolhodahistoria.org/n13/artigos/chesnais.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.
- FERNANDES, F. *Em busca do socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995.
- FOSTER, J. B. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GOHN, M. da G. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GUIMARÃES, M. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Orgs.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 15-29.
- _____. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.
- LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Orgs.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 179-219.
- LOUREIRO, C. F. B. Teoria social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Org.). *Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 13- 51.
- _____. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. L.; CASTRO, R. S. de. (Org).

Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 69-98.

MELO, A. A. S. de. Os organismos internacionais na condução de um novo bloco histórico. In: NEVES, L. M. W. (Org.). *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005. p. 69-82.

MENEGAT, M. *O olho da barbárie*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

RODRIGUES, J. do N. *Das concepções prévias aos sentidos construídos na formação crítica do educador ambiental*. 2010. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2010.

TRIGUEIRO, A. *Mundo sustentável: abrindo caminho na mídia para um planeta em transformação*. São Paulo: Globo, 2005.